# Uma professora densa, cativante e de voz inesquecível

Silvia La Regina

[Publicado em *A Tarde Cultural*, 20/09/08, p.3]

É difícil, para mim, falar de Luciana Stegagno Picchio, agora que ela morreu, no dia 28 de agosto: a conheci por volta de 1984, fui aluna dela, que me ensinou a amar a língua portuguesa e a literatura brasileira, e foi ela quem causou a principal mudança na minha vida, me incentivando a vir pesquisar Gregório de Mattos, ainda em 1989, na Bahia, onde estou até hoje...

Não tenho o objetivo de falar de mim, e sim dela, mas - e volto à dificuldade inicial - em muitos aspectos falar dela é também falar de mim, porque com ela aprendi muito do que eu sei, e sobretudo a pensar criticamente o conhecimento, a ter um método rigoroso, a ter sempre curiosidade por assuntos aparentemente distantes e não interligados.

O apartamento de Luciana, em Roma, na Via Civitavecchia, maravilhosamente cheio de livros, foi um ponto de encontro para estudiosos, poetas, romancistas, editores e estudantes, numa comunidade alegre e descontraída onde se respiravam cultura, educação, bom humor, idéias, sempre, entre as quatro e as cinco da tarde, tomando chá.

Luciana foi amiga de Jorge Amado e José Saramago, Celso Cunha e Roman Jakobson, Jorge de Sena e Murilo Mendes, Antonio Candido, José Lins do Rego, Vitorino Nemésio, Mário Soares e José Mindlin...

Entre seus alunos, depois amigos e colaboradores, destaca-se Antonio Tabucchi. Este publicou na *Repubblica* do dia 31 de agosto um bonito artigo em que relembra a longa amizade com Luciana, de quem destaca, entre tantos outros aspectos, a voz: e realmente a voz dela, fosse lendo um poema de Fernando Pessoa ou uma cantiga de amigo, fosse conversando ou contando estórias, tinha uma qualidade inesquecível, uma sonoridade, uma presença que ecoa nos ouvidos horas, anos depois.

ALUNOS ENCANTADOS - Quem teve o privilégio de assistir a suas aulas sabe que ela conseguia o impossível: aulas leves e agradáveis, e ao mesmo tempo densas, verdadeiras iluminações sobre um autor ou um verso, com as quais cativava, prendia "per incantamento" a turma inteira.

Genial filóloga, exímia pesquisadora, fez para as literaturas de língua portuguesa na Europa aquilo que Andrés Segovia fez com o violão: as divulgou, no sentido mais nobre do termo, as tornou conhecidas, estudou autores e escolas, textos e métodos, com uma produção crítica impressionante pela quantidade e pela qualidade.

Luciana publicou mais de 500 textos, entre livros, ensaios, artigos, resenhas, e ainda antologias, manuais e, entre outras coisas, um precioso livrinho de poemas, *Nella terra dei lotofagi*.

Sua *Storia della letteratura brasiliana* permanece um clássico na Itália; foi traduzida para o francês e, para o português, pela Nova Aguilar (reeditada recentemente pela Lacerda Editores).

A *Storia del teatro portoghese* foi pioneira, assim como os estudos sobre a língua e a literatura galega; a lista dos autores sobre os quais ela escreveu inclui Jorge Amado (de quem traduziu *A descoberta da América pelos turcos*), Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Gil Vicente, Murilo Mendes (de quem organizou a obra para a Nova Aguilar), Jorge de Lima, os trovadores galego-portugueses, os modernistas, Camões...

Ela trabalhou durante muito tempo com Roman Jakobson, com o qual desenvolveu aquele seu método filológico que permanece até hoje um marco fundamental: a filologia para ela não era uma disciplina, mas uma *forma mentis*.

Recebeu prêmios, títulos, doutorados honoris causa (entre outros, pela Universidade de Lisboa, pela UFRJ e pela UFJF), homenagens, nomeações, medalhas nos dois hemisférios.

Luciana nasceu em Alessandria, no Piemonte, norte da Itália, em 26 de abril de 1920; ainda antes da segunda guerra, a família mudou-se para Roma, onde Luciana estudou arqueologia, para depois, através de amigos, começar a trabalhar na embaixada portuguesa.

AMOR PELO PORTUGUÊS - Daí, quase que por acaso, surgiu o interesse pela língua portuguesa, a "língua outra", com a qual e na qual viveu, ensinou - primeiro em Pisa, depois em Roma, na Università La Sapienza, da qual era professora emérita - e escreveu inúmeros textos.

Ela esteve numerosas vezes no Brasil, que amava muito; visitou a Bahia em diferentes oportunidades, desde a década de 50, na companhia de Jorge Amado e Zélia Gattai, até recentemente, em 2004. Como ela própria escreveu "em Portugal e no Brasil, senti-me sempre em minha casa".

Luciana estava doente havia alguns anos, e, depois da morte do marido Nino (pediatra-letrado, profundo conhecedor de Stendhal) vivia cada vez mais isolada, melancólica. A cultura fica mais pobre, nós, que a conhecemos, mais sós, com uma saudade imensa e dolorida.

Silvia La Regina | Professora do Instituto de Letras da Ufba